



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE LETRAS – IL

DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET

---

AMANDA JOHNSTON COSTA

**VERSÃO PARCIAL PARA O ESPANHOL DE**  
***VIVENDO, APRENDENDO E MORRENDO SEM SABER***  
**Reflexões de uma editora tradutora**

Projeto Final do Curso de Tradução, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Letras Tradução Espanhol, da Universidade de Brasília, sob a orientação da Profa. Dra. Lucie de Lannoy.

Área de concentração: Estudos da Tradução

**Brasília, junho de 2018**

**VERSÃO PARCIAL PARA O ESPANHOL DE  
*VIVENDO, APRENDENDO E MORRENDO SEM SABER***

**Reflexões de uma editora tradutora**

Projeto Final do Curso de Tradução, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Letras Tradução Espanhol, da Universidade de Brasília, sob a orientação da Profa. Dra. Lucie de Lannoy.

Área de concentração: Estudos da Tradução

---

**Amanda Johnston Costa**

**Matrícula 100047874**

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Professora Dra. Lucie Josephe de Lannoy**

Orientadora

---

**Professora Dra. Gislene Maria Barral Lima Felipe da Silva**

Avaliadora

---

**Professora Dra. Sandra María Pérez López**

Avaliadora

**Aprovado em / / 2018**

“Tampouco palavra por palavra traduz fielmente.”

Horácio, *Ars Poética*

## Agradecimentos

À Manuela, minha fonte inesgotável de amor e energia.

Ao meu pai, Luis Roberto Vieira Costa, meu escritor favorito.

À minha família, meu forte para todas as conquistas.

À Profa. Dra. Lucie de Lannoy, pelo interesse demonstrado através de contribuições valiosas e diálogos constantes.

À Mariana e Priscila, que me faziam rir até a barriga doer, mesmo nos momentos de tensão.

Ao Luis Fernando, *mi cielo*.

Todos vocês moram em meu coração.

# SUMÁRIO

<b>RESUMO.....</b>	<b>07</b>
<b>RESUMEN.....</b>	<b>08</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>CAPÍTULO 1 – CONTEXTUALIZAÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO 2 – REFLEXÕES TEÓRICAS .....</b>	<b>15</b>
<b>CAPÍTULO 3 – BREVES COMENTÁRIOS À PRÁTICA TRADUTÓRIA .....</b>	<b>22</b>
<b>CAPÍTULO 4 – UMA PROPOSTA DE VERSÃO PARCIAL .....</b>	<b>26</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>36</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>38</b>
<b>ANEXO – Notas da tradutora .....</b>	<b>38</b>

“Tenho a ideia de que sempre se pode traduzir um poeta, inglês, latino ou grego, exatamente palavra por palavra, sem acrescentar nada, e conservando inclusive a ordem, até encontrar o metro e mesmo a rima. Eu, raramente, conduzi o experimento até este ponto; é necessário tempo, digo, meses, e uma rara paciência. Chega-se, inicialmente, a uma espécie de mosaico bárbaro; os fragmentos estão mal ajustados: o cimento os liga, mas não os harmoniza. Resta a força, o brilho, até mesmo uma violência, e provavelmente mais do que o necessário. É mais inglês que o inglês, mais grego que o grego, mais latim que o latim...”

**Alain Badiou**

## RESUMO

Frente ao desejo de poder traduzir exatamente palavra por palavra, aquilo que já foi redigido uma primeira vez, a prática da tradução requer a leitura e releitura do texto a ser traduzido, num debruçar-se sobre o texto, neste caso para ser vertido ao espanhol, o que propicia uma leitura crítica da escrita original em português.

Para usar a expressão de Badiou, percebe-se de início uma espécie de ‘mosaico bárbaro’; os fragmentos estão mal juntados. Essa constatação passa também pelo fato de que o livro remete à história de uma terceira pessoa, o autor autobiográfico, de quem o livro contém a transcrição da oralidade e toda uma veia literária, em registros de cunho familiar, profissional e emocional.

E, assim, nos perguntamos: a quem pertence, em sua essência, a tradução? Ao autor, ao tradutor ou ao destinatário final, o leitor? Quem detém a prerrogativa do domínio e da ética na tradução literária? Quais as licenças que à criatividade são permitidas, no complexo transmutar de um texto a partir de um código linguístico pátrio para outro, estranho vernáculo, ou vice-versa, através do qual se propõe a leitura com os mesmos efeitos pretendidos pelo autor na língua de origem?

Na versão parcial, aqui presente, de *Vivendo, aprendendo e morrendo sem saber... uma história que a vida escreveu*, de Carlos Aguiar, a tradutora, coeditora do texto original, sente-se compelida a rever a escrita do texto de partida, por ela mesma ter sido partícipe da sua geração. A leitura atenta lhe provoca pensar se o livro poderia ter um conteúdo diferente, ainda que sejam apenas excertos, e quais os limites que eventuais mudanças no texto projetariam na tradução.

Dessa forma, o pulsar de um personagem, ora autor anônimo, no papel de *ghost-writer*, ora responsável pela tradução, que se debruça, não apenas com inúmeras incertezas e questionamentos, percorre, neste trabalho, uma trajetória reflexiva, como tradutora em formação, abordando questões da escrita literária, da tradução e das línguas nela envolvidas.

## RESUMEN

Ante el deseo de traducir exactamente palabra por palabra, lo que fue escrito una primera vez, la práctica de la traducción requiere que se lea y que se vuelva a leer el texto que se traducirá y esa dedicación a la obra, en este caso para traducirla al español, se vuelve propicia a una lectura crítica de su redacción original en portugués.

Para usar la expresión de Badiou, notamos una especie de ‘mosaico bárbaro’ pues los fragmentos se han juntado mal. Esta constatación parte del hecho de que el libro remite a la historia de una tercera persona, el autor autobiográfico, a través de registros propios de la oralidad, en un relato de asuntos familiares, profesionales y emocionales que le imprimen un carácter muy particular a la obra.

De esta forma, nos preguntamos: ¿a quién pertenece, en su esencia, la traducción? ¿Al autor, al traductor, al destinatario final, al lector?

¿Quién detiene la prerrogativa del dominio y de la ética en la traducción literaria? ¿Cuáles son las licencias permitidas a la creatividad en el complejo transmutar de un texto a partir de un código lingüístico patrio hacia un extraño vernáculo, o viceversa, tanto del original como de la traducción? Además, ¿hay que lograr los mismos efectos en la lectura del original y en la traducción?

En la presente traducción inversa parcial de *Vivendo, aprendendo e morrendo sem saber... uma história que a vida escreveu*, de Carlos Aguiar, la traductora, coeditora del texto original, se siente inclinada a revisar la escritura del texto de partida, ya que ella participó en la editoración de la obra. Por eso, ella se pregunta si podría cambiar los contenidos y qué consecuencias eso tendría en la traducción.

De este modo, el pulsar de un personaje, autor anónimo, responsable de la traducción, que se acerca al texto con innúmeras preguntas e incertidumbres, hace un recorrido reflexivo, en este trabajo de una traductora en formación, tratando cuestiones de literatura, de la traducción y de los idiomas implicados en ella.

## INTRODUÇÃO

*“...uma história narrada pode significar o mundo com tanta ‘profundidade’ quanto um tratado de filosofia”.*

Maurice Merleau-Ponty

O presente trabalho pretende apresentar uma discussão acerca dos desafios encontrados ao se fazer a versão para o espanhol de um livro que possui uma origem e finalidade específicas, e cujo tradutor é ainda o próprio editor.

Em concreto, a obra em questão viu a luz quando Antonio Carlos de Aguiar<sup>1</sup>, no seu sexagésimo aniversário, decidiu publicar uma homenagem à sua família, por meio de uma obra que retratasse a sua trajetória de vida. Para isso, quem elabora o presente Trabalho de Conclusão de Curso desempenhou o papel de *ghost-writer*<sup>2</sup>, isto é, o de redator “fantasma” dos depoimentos orais de Carlos Aguiar sobre a sua biografia. Desta empreitada participaram também o editor Luis Roberto Vieira Costa, a revisora Ana Carolina Ganem e o diagramador Marcus Vinicius Santos.

Assim, *Vivendo, aprendendo e morrendo sem saber... Uma história que a vida escreveu* é considerada a autobiografia de Carlos Aguiar, pois é ele o autor de vários discursos, cartas, dedicatórias nela contidos. No entanto, houve redatores auxiliares que compilaram relatos e casos, atuaram na pesquisa genealógica e fizeram parte da redação de diversos depoimentos. Eles figuram na ficha técnica do livro como editores-redatores.

Um dos motivos que levou à elaboração deste trabalho foi a necessidade de compreender uma obra que, ao comportar mais de uma autoria, fez surgir uma série de questionamentos, tais como: haveria um autor principal? Em que consiste a fidelidade na tradução?

---

<sup>1</sup> A partir de agora: Carlos Aguiar.

<sup>2</sup> *Ghost-writer*: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ghost-writer>. Consulta em 02/06/18.

E a prática da tradução levou, inevitavelmente, a refletir sobre a linguagem, tanto do ponto de vista linguístico, quanto do ponto de vista literário. Por um lado, na obra sobre a qual aqui se discorre estão compiladas informações concretas, tais como: datas, locais de nascimento, a árvore genealógica da família Aguiar, nomes de instituições, de diferentes habilidades e ofícios, descrição de viagens, progressão profissional, etc. Por outro lado, a poética da experiência, o modo como foi se construindo a narrativa da vida, remete à literatura, a aspectos culturais, peculiares a determinada época e região. O tom questiona a escrita, até porque os depoimentos estão intercalados pelas observações do *ghost-writer*.

A arte de produzir, não apenas lembranças que emocionam, mas, ao afirmar vínculos afetivos, reconfigurações da linguagem, resulta numa tarefa partilhada entre Carlos Aguiar e o *ghost-writer*, na tarefa de transcrever um texto oral e de manter, na escrita, a forma de estar no mundo e de se comunicar desse senhor, o qual, na literatura, não deixa de ser um personagem nas mãos de quem escreve.

Não há escritor neutro. Além de intervenções explícitas do *ghost-writer* na obra, transcrevem-se as palavras de Carlos Aguiar por meio de uma escrita que jamais prescinde de quem a pratica. Entretanto, o empenho em unir objetividade com força expressiva do contador de histórias, carregando o texto de variações linguísticas, regionalismos, metáforas e demais figuras de linguagem aproxima a escrita da produção literária. Como diz Merleau-Ponty: “É preciso que a expressão do mundo seja poesia, isto é, que desperte e reconvoque por inteiro o nosso puro poder de expressar, para além das coisas já ditas ou já vistas” (MERLEAU-PONTY, 2004, *apud* ALVIM, 2014, p. 69).

A partir desta apresentação, compreendemos que a pessoa que escreve é diferente daquela que narra, e que o *ghost-writer* é também quem edita o livro, o traduz e reflete sobre as perguntas que surgem neste trabalho. Perguntas que remetem à autoria, à liberdade da escrita e aos limites da tradução.

# CAPÍTULO 1

## Contextualização

### 1) ALGUNS CONCEITOS

Para entendermos o estudo a seguir, precisamos primeiro definir, dentro das especificidades da obra em crivo, o conceito de alguns termos que a partir de agora aparecerão constantemente repetidos; são eles: autor, *ghost-writer* e tradutor.

*Autor* é aquele que dá origem a algo, cria; o responsável por um poema, música, livro, entre outros. Esse ponto de partida, aqui, é Carlos Aguiar, um sertanejo pobre que se tornou migrante em busca de melhores dias e que, após idas e vindas entre sua terra natal, Sobral-CE, e Brasília-DF, nesta se fixou, escalando, paciente e perseverantemente, cada degrau na escala do sucesso, até se converter num personagem inequivocamente respeitado e admirado. Dele partiram as narrativas para as linhas mestras que se desenvolveriam no livro analisado, as memórias e narrativas, e a maior parte dos registros gráficos (fotos e documentos), além das indicações de fontes e depoimentos que completaram a rica narrativa de sua vida.

A expressão inglesa *ghost-writer*, por sua vez, é usada para designar o trabalho de um escritor fantasma, uma pessoa que escreve uma obra por outra, em troca de remuneração, e que não recebe os créditos como autor. Pela própria natureza da obra escrita sobre a qual se volta este estudo, pode se considerar que vários atores a compuseram, aí sobressaindo-se um rol significativo de participantes e depoimentos de quem, ao longo da vida do autor, testemunhou ou vivenciou a trajetória, sofrida e determinada, rumo ao sucesso. Tais testemunhos, misto de emoção, paixão, reconhecimento e amizade, haviam de ser transcritos da oralidade para a via escrita, exatamente no ponto em que a tradutora, ora autora do presente trabalho, exerceu o papel de “mediadora” entre essas duas formas de linguagem, buscando um equilíbrio entre a espontaneidade e a legibilidade textual. Aí atuou a *ghost-writer*.

Já o *tradutor(a)*, em um sentido mais amplo, é um comunicador interlingual, aquele que converte um texto de uma língua para outra, ou que medeia a comunicação entre duas

ou mais pessoas que falam idiomas diferentes. Razão de ser do presente trabalho, a tradução é a síntese dos objetivos e conceitos aqui expressados, buscando-se nele compreender, no âmbito acadêmico, técnicas e procedimentos adotados para traduzir a partir da versão parcial do texto estudado, do português para o espanhol. A partir da produção insubstituível do autor, com a intervenção dos vários coautores (família, amigos e vários depoentes) e cuidadosamente identificados pelo *ghost writer*, chegou-se ao objeto aqui pretendido, a tradução, sobre a qual se desenvolveu este trabalho.

## **2) QUEM FOI CARLOS AGUIAR**

Antonio Carlos de Aguiar nasceu em 25 de outubro de 1955, em Mulungu dos Carlos, município de Sobral-CE, a 230 km de Fortaleza. Filho de Cesário Ximenes de Aguiar e de Maria Angelita Aguiar, o pai era agricultor e trabalhava com couro, fabricando arreios para animais. Ele foi um autodidata, um exemplo de perseverança e determinação. A mãe, costureira, pessoa calma e serena, foi um exemplo de bondade e dedicação à família.

Carlos fez o primário na escola Sinhá Saboia, no bairro Dom Expedito, em Sobral. O segundo grau, ele o iniciou em Jaibaras-CE e o concluiu em Presidente Dutra-MA. Muito cedo, já trabalhava com seu pai na agricultura. Com 15 anos foi para Parnaíba-PI ajudar seu irmão Jurandir em sua quitanda e, em 1972, ambos vieram tentar a sorte na nova capital da República.

Em Brasília, foi entregador de garrafas de café em escritórios no Setor Comercial Sul, balconista, cumim, taxista, dono de bar e vidraceiro, até se consolidar como empresário do ramo de materiais de construção, com a KSA Materiais de Construção.

Desde 31 de dezembro de 1978 é casado com Natalina Souza de Aguiar, com quem teve três filhos: Karla, Kleber e Klayton Souza de Aguiar. Karla é a mãe de seu único neto, Guilherme.

Sempre interessado nas causas sociais, Carlos praticou o radioamadorismo desde 1980 e ainda hoje mantém seus registros junto ao Ministério das Comunicações e à Anatel, embora haja doado vários de seus equipamentos à Casa do Rádio Amador de Sobral. Tem sido tema de trabalhos e monografias em várias faculdades no Distrito

Federal, foi entrevistado em rádios, TVs, jornais e revistas, como exemplo de empreendedor de talento, criatividade e determinação.

Na maçonaria, destaca-se por haver chegado em tempo recorde ao mais alto grau de acesso da instituição, o 33, havendo sido sete vezes presidente de lojas maçônicas.

Por 17 anos, foi membro do Tribunal do Júri. Participou ativamente da elaboração do Plano Diretor de Taguatinga. Em 2002 foi agraciado com a comenda Pioneiro Destaque de Taguatinga; em 2003, com a de Cidadão Honorário de Taguatinga; e, em 2005, com a de Cidadão Honorário de Brasília.

Por duas vezes exerceu a presidência da Associação de Material de Construção de Brasília e Entorno-Acomac/DF. Em 2014 assumiu a Presidência do Sindicato do Comércio Varejista de Material de Construção do Distrito Federal-Sindimac/DF, com assento na Federação do Comércio do Distrito Federal-Fecomércio/DF e é Vice-Presidente de Assuntos Institucionais da Associação Nacional dos Comerciantes de Material de Construção-Anamaco. Na Academia Taguatinguense de Letras-ATL/DF, é um dos acadêmicos beneméritos.

Em 2013, foi fundador e primeiro presidente da Associação dos Que Querem Bem a Sobral e ao Distrito Federal-AQQB Sobral/DF, da qual é hoje presidente de honra.

Em 2015, recebeu da Câmara Municipal de Sobral o diploma de honra ao mérito por serviços prestados e, no mesmo mês, foi condecorado com a ordem dos Nobres Cavaleiros de Brasília pela Academia Brasileira de Ciência, Artes e Literaturas, em reconhecimento à contribuição dada ao desenvolvimento da cidade. Já em dezembro desse ano, foi condecorado com o troféu personalidade Classe A em Sobral-CE. Em julho de 2016, foi agraciado com a Comenda Orgulho de Ser Sobralense e, em novembro, recebeu a Ordem ao Mérito Comercial da Fecomércio-DF. Ainda em 2016, foi condecorado com a Moção de Louvor pela Câmara Legislativa do DF.

Em 2015, no dia de seu sexagésimo aniversário, lançou seu livro de memórias: *Vivendo, aprendendo e morrendo sem saber*, no qual, devido ao pouco estudo, narrou para dois amigos, que trabalharam como *ghost-writer* e editores, o relato que serve de embasamento à obra sobre a qual foi elaborado este Projeto Final do Curso de Tradução da Universidade de Brasília.

Em 2016, a segunda edição do seu livro foi lançada na III Bienal do Livro no Pavilhão de Exposições do Estádio Mané Garrincha em Brasília-DF.

## CAPÍTULO 2

### Reflexões teóricas

Em que consistem os conceitos de autoridade do autor e do tradutor, para justificar ou não uma intervenção no texto? Como respeitar o livro já publicado e sentir-se autorizado a fazer modificações no momento de traduzi-lo?

Esse tipo de discussões é levantado quando o pesquisador se debruça sobre uma obra como a que é abordada neste estudo. Nesse sentido, o texto analisado inclui depoimentos de uma terceira pessoa, com a sua própria forma de expressar-se, servindo-se de variações linguísticas e do uso de regionalismos. Estes, que representam um autêntico desafio para a tradução, não podem ser ignorados e ensejam muito cuidado ao serem passados para outra língua, pois o modo de falar se constitui numa força expressiva e é de extrema importância preservar essa voz.

Dessa forma, o tradutor em formação se coloca uma pergunta uma e outra vez: Qual a forma mais adequada para enunciar os aspectos acima citados em outra língua? Estes questionamentos serviram para a reflexão e para a procura de referências teóricas que contribuíssem na compreensão das escolhas realizadas na versão parcial para o espanhol do livro de Carlos Aguiar, *Vivendo, Aprendendo e Morrendo Sem Saber*, publicado pela Editora do Autor em Brasília, em 2015.

A escolha do contexto abordado e de uma temática que lembra a autotradução para elaborar este Projeto de Conclusão do Curso de Letras Tradução Espanhol partiu da vontade de verter para o espanhol o livro acima mencionado, do qual a coeditoria foi uma experiência inédita e extremamente desafiadora.

Conforme informado na introdução deste trabalho, a obra em foco é composta pelos registros que o autor, Carlos Aguiar, faz sobre a sua trajetória de vida, com fotos e documentos da infância, adolescência e vida adulta, e por depoimentos de familiares e amigos sobre esse percurso.

A história remete à de outros tantos milhares de nordestinos que migraram para “novas plagas”, deixando para trás a região do Nordeste brasileiro, historicamente assolada pela seca e pela miséria, em busca de dias melhores.

Esses relatos estão impregnados de expressões idiomáticas, representativas tanto do seu meio social quanto da sua região de origem, e compõem um dos desafios à tradução. O tradutor em formação lida com esses desafios, cujo tratamento pode remeter, muitas vezes, ao que Berman (2013, p. 10) denominaria “tendências deformadoras”.<sup>3</sup>

A motivação inicial para a escolha desse tema foi a curiosidade em relação à autotradução, como já foi dito acima, uma vez que esta pesquisa versaria sobre a tradução da obra *Vivendo, Aprendendo e Morrendo Sem Saber*, da qual a autora deste trabalho foi coeditora. Ao longo da história da tradução, encontramos inúmeros escritores que foram tradutores dos seus próprios textos. No Brasil, por exemplo, escritores da Academia Brasileira de Letras como Ana María Machado e João Ubaldo Ribeiro traduziram os seus próprios livros. As motivações podem ser as mais diversas, como uma forma de expandir o leque dos seus leitores ou devido à proibição das suas obras no seu próprio país, conforme veremos mais adiante.

A possibilidade de traduzir (talvez, autotraduzir, do ponto de vista da editora) *Vivendo, Aprendendo e Morrendo Sem Saber* insere a obra num escopo maior. Assim, essa história de Carlos Aguiar, nascido “matuto” no mais inóspito sertão cearense, Mulungu dos Carlos, distrito paupérrimo do município de Sobral, alarga sua possibilidade de acesso como Aguiar fez por mérito, trabalho e persistência, até ter sido galgado à condição de renomado empresário em Brasília, como bem foi relatado no capítulo anterior.

De fato, o advento de Brasília foi a senha para a mudança, a partir de 1956, de uma enorme leva de migrantes oriundos de todos os recantos do país, em especial de nordestinos, que se notabilizaram como artífices da construção da nova capital da República. Todos eles fazem parte da história da cidade e trouxeram consigo usos e costumes – também linguísticos – das suas terras de origem. E é esse encontro, e contraste, que gera problematidade na tradução.

---

<sup>3</sup> Seriam 13 as tendências deformadoras. Entre elas, temos, por exemplo: a racionalização, a clarificação, o alongamento, o enobrecimento, a destruição dos ritmos e a das locuções.

Como lembra Berman, o fundamento da avaliação de uma tradução consiste em dois fatores: a poeticidade e a eticidade. A eticidade corresponde ao “respeito, ou melhor, num certo respeito pelo original” (1995, p. 92).

A partir desse pensamento bermaniano, coloca-se uma questão sobre o texto, tanto de partida quanto de chegada: Como opera um tradutor-editor a mudança no texto? A sua reescrita e a sua tradução se manterão fiéis à poética e à ética referidas? Dentro da questão da fidelidade, há vários autores que discutem o efeito de estranhamento e ou de domesticação de um texto, como Lawrence Venuti (2002); e o próprio Berman, como já vimos, assinala 13 tendências deformadoras na tradução (BERMAN, 2013).

Sob este prisma, surge uma nova pergunta: O objetivo principal da tradução seria o de fazer compreender um texto para alguém que não conhece a língua na qual foi escrito? Quais os parâmetros a seguir, se não importa tanto ater-se ao estilo? A resposta à primeira pergunta seria, certamente, afirmativa; porém, ambas nos levam a reconsiderar uma série de conceitos como, por exemplo, o que entendemos por responsabilidade do tradutor e o que é, para nós, a literatura. Afinal, quem dita os parâmetros éticos não seria o próprio comprometimento com a finalidade da obra, ou o compromisso com o leitor?

Até que ponto o tradutor, cúmplice do texto transladado, suporta a frustração ou a realização de deixar as suas marcas inscritas na obra? Em que consiste ser autor, editor, tradutor da própria obra? Em grande parte, isto nos remete a um problema de linguagem. Como diz Meschonnic (2010, p. 25): “a literatura é a prova da tradução. A tradução é um prolongamento inevitável da literatura. Assim, a literatura pede contas à tradução”. Pois, esta tem um caráter criativo assim como a literatura. Textos como o aqui abordado não se encontram na linguagem da mesma forma que uma receita de cozinha. Há um comprometimento humano, uma necessidade que se impõe de mergulhar no idioma, inspirada no objetivo de homenagear a pessoa de Carlos Aguiar, e que é preciso transmitir com o sentido mais pleno que estiver ao alcance. É assim que autor, editor e tradutor se unem para essa tarefa, buscando todos os recursos, tanto em áreas da Linguística quanto nas da Literatura.

Fundamental é respondermos à pergunta: qual seria o objetivo da tradução, senão o de se fazer ler e compreender uma determinada obra? Para responder uma pergunta como essa, dentro da tradução literária, podemos observar que a resposta desvenda tanto

aspectos objetivos quanto subjetivos, pois temos diferentes leituras críticas do texto de partida e diferentes possibilidades de construção do texto de chegada.

Advém daí o questionamento sobre três conceitos linguísticos, não excludentes entre si, aos quais se pode recorrer, no intuito de adotar critérios para pensar a tradução: a *literalidade*, a *fidedignidade* e a *licença poética*.

Ao nos depararmos com termos ou expressões do texto de partida para os quais se tende a manter o sentido, a invertê-lo ou até mesmo a se dizer o contrário, nos perguntamos sobre a *impermeabilidade* da expressão. Trata-se de termos que, pela intraduzibilidade aparente, exigem maior criatividade e pesquisa, incentivando a *licença poética*.

A *literalidade*, por sua vez, dependendo da afinidade de raízes entre as línguas traduzidas, a de partida e a de chegada, pode resultar em equívocos de compreensão, como é o caso dos falsos cognatos ou da adoção de palavras semelhantes, mas cujo uso e sentido não são similares nas duas línguas. Como indicam Batalha e Pontes Jr. (2007, p. 103), a tradução literal consistiria num

“processo em que as palavras se transpõem uma a uma da língua-fonte à língua-alvo, sem modificações no vocabulário ou na estrutura da língua; o termo pode expressar, frequentemente, a tradução *incorreta* de um trecho onde seria exigida uma tradução ‘oblíqua’”.

José Pinheiro de Souza, em sua publicação *Teorias da Tradução: uma visão integrada*, ressalta que:

A velha tensão entre tradução literal e livre, por exemplo, ainda não foi satisfatoriamente resolvida. (...) Partindo do pressuposto de que as posições extremas sempre erram o alvo, uma vez que geralmente enfatizam um aspecto em detrimento de outro, é preciso procurar uma visão integrada do fenômeno tradutório (SOUZA, 1998, p. 51).

Já séculos atrás, o alemão Wilhelm von Humboldt (1767-1835) concebia a ideia de que “cada língua constitui uma visão de mundo diferenciada e única a que só se pode ter acesso por via dessa mesma língua e de nenhuma outra” (HUMBOLDT, *apud* PAES, 1990, p. 33). Essa visão, em princípio extrema, sobre a impossibilidade da tradução, foi adotada, paradoxalmente, em uma época na qual se traduzia muito. Atualmente, mesmo sendo considerada ultrapassada, ainda nos sensibiliza, de certa forma, sobre os limites da

tradução. Assim Voltaire advertia os leitores de suas traduções: “Lembrai-vos, sempre, quando virdes uma tradução, que vedes uma fraca estampa de um belo quadro” (VOLTAIRE *apud* PAES, *op. cit.*, p. 34-35).

Contudo, a preocupação do tradutor em formação por adotar um projeto tradutório faz com que ele retome, na sua reflexão, não apenas o termo *literalidade*, mas também *tradução fidedigna*, *licença poética* e *impermeabilidade*, termos acima referidos cujos conceitos figuram a seguir.

A *fidedignidade* representaria a opção prática e não radical de fazer chegar ao leitor o termo vertido no sentido mais próximo que proporcione sua compreensão, embora não revestido do literal, palavra por palavra.

A *licença poética* seria, por assim dizer, o enfeite linguístico com o qual se faria chegar ao leitor de destino a compreensão de uma palavra ou expressão de difícil tradução, ou quando se pretende dar algum efeito especial a partir de um “arranjo” poético-literário.

De acordo com o dicionário Houaiss (2009), o termo “licença poética” é definido como a “liberdade de o escritor utilizar construções, prosódias, ortografias, sintaxes não conformes às regras, ao uso habitual, para atingir seus objetivos de expressão”. Costuma estar presente na literatura, na música e, também, nas propagandas.

Então, por meio da *licença poética*, o artista ganha liberdade de expressão e se desprende da normatividade das regras gramaticais e/ou métricas, utilizando, entre outros recursos, versos irregulares, erros ortográficos e/ou gramaticais, e rimas falsas. Assim, observa-se uma espécie de erro proposital, empregado para destacar determinado ponto da obra.

Por *impermeabilidade* entendemos os termos de improvável obtenção de sinônimos na língua de destino, razão pela qual sua tradução termina acontecendo com o uso da própria palavra sob grifo ou aspas, com eventuais notas explicativas. A expressão corrente a esse respeito é intraduzibilidade.

Quanto às dificuldades de se traduzir termos marcados culturalmente, Almeida e Azevedo Delvizio (1978, p. 627), no artigo “A tradução de termos culturalmente marcados em algumas obras de Jorge Amado para a língua inglesa”, afirmam que:

diferenças culturais e de ambiente são responsáveis pela ausência de determinadas noções e palavras que as designem ao se traduzir de uma língua para outra e que, em teoria, constituiriam desafios insuperáveis para o tradutor.

Na prática da tradução, este tipo de desafio tende a orientar o tradutor em formação para questões metalinguísticas. De acordo com Ronái (1989, p. 4), por exemplo, “existem palavras que, por mais que tentemos traduzi-las, recorrendo a todos os circunlóquios possíveis, chegamos à conclusão de só haver exprimido parte do seu conteúdo”. Adotar palavras ou expressões como essas no texto de chegada, as quais devem vir acompanhadas por aspas, notas de rodapé ou grifo, assinala uma escolha tradutora estrangeirizadora. E, surpreendentemente, ocorre com certa frequência que, com o passar do tempo, a língua de chegada acabe por incorporá-las.

Lembrando o termo estrangeirização, Bhabha (2010, p. 230) falava, exatamente, de “estrangeiridade das línguas”. Segundo esse autor, “a ‘estrangeiridade’ da língua é o núcleo do intraduzível que vai além da transferência do conteúdo entre textos ou práticas culturais”. Devemos reconhecer que o significado nunca pode ser total entre sistemas de significados e dentro deles, o que dá margem à possibilidade de desenvolver-se e ressignificar-se dentro e fora da língua. Aubert (1995, p. 57) observa que os planos estrutural, cultural e individual da linguagem são de naturezas diversas. Visto isso, ao abordar os problemas de se traduzir a cultura, Aubert argumenta que:

ela não pode ser resumida a uma simples transcodificação de léxico e gramática, uma vez que é marcada por conflitos, tensões e desequilíbrios. Assim, em relação à prática do traduzir, diante da limitação idiomática posta, o que é peculiar a uma língua não poderia, a rigor, ser plenamente traduzido.

Entretanto, Ronái (1989), tendo por base Mounin (1963), alega que “essas diferenças linguísticas e culturais, essas tensões e conflitos não são obstáculos totalmente intransponíveis” (RONAI, 1989, p. 31). E, parafraseando o mesmo autor, podemos acrescentar que, desse modo, nem a semântica, nem a morfologia, nem a fonética, nem a estilística de determinado idioma constituem obstáculos insuperáveis àquele tradutor que, além do conhecimento seguro das línguas, tenha cultura, intuição e bom gosto.

Após pesquisa de conceitos sobre termos que estão presentes nas questões planteadas e na própria tradução, apresentamos, no capítulo a seguir, as reflexões, dúvidas e respectivos comentários provocados pela versão realizada.

## CAPÍTULO 3

### Breves comentários da prática tradutória

Neste capítulo apresentamos trechos da obra original e sua versão para o espanhol. Retomando as inquietações apresentadas no capítulo anterior, pretende-se, neste, refletir sobre a relação das figuras do autor e do editor através da tradução, a importância do lugar do editor nas opções de tradução tomadas e as consequências dessas decisões.

Quanto à obra *Vivendo, aprendendo e morrendo sem saber*, a editora foi motivada a realizar uma certa autotradução pela sua proximidade com o texto, que ajudou a escrever com o autor, seu amigo de longa data, e pela intimidade familiar com o contexto, pelo fato de ser filha de um dos editores. Além disso, nota-se a relativa pouca relevância do tema autotradução como fonte de pesquisa, e a necessidade de estudar regionalismos e questões referentes à transcrição da oralidade no campo dos Estudos da Tradução. Apresentamos, a seguir, algumas reflexões específicas sobre esses assuntos, retiradas dos segmentos cuja versão para o espanhol aparece logo a seguir.

Na página 26 do capítulo 04, temos as primeiras impressões do mundo do personagem e isso nomeia o capítulo no livro original. Logo no primeiro parágrafo, encontramos um tipo de expressão comum no Nordeste que remete a um prato típico, em termos de denominação: “feijão escoteiro”. Chamado de feijão marrom ou feijão carioca em outras regiões do Brasil, a referência “escoteiro” só é comum no Nordeste, pelo qual necessitaria de uma explicação até mesmo dentro do próprio português, dependendo do leitor alvo. Na tradução para o espanhol, optamos por “frijoles rojos”, que nos fazem pensar de imediato no mesmo feijão falado anteriormente, deixando o texto mais fluído. Poderia ter sido escrito dessa forma no texto original, já que “feijão marrom” ou “carioca” são expressões muito mais utilizadas pelo país todo; porém, “feijão escoteiro” foi escolhido por resultar mais estranho de propósito, para transmitir um traço cultural do sertão. A tradução constitui, portanto, mais um estágio na relação da editora com o texto, onde nos permitimos determinadas mudanças de leme, com base na complexidade da tradução de regionalismos como o anterior.

Assim, ao compararmos os trechos traduzidos, segundo um projeto tradutório que se propunha o mais literal possível, observamos que, à medida que avançamos na

reflexão, se amplia a compreensão, na prática, sobre o alcance do termo “literal”. A pesquisa do significado de expressões regionais contribui, em parte, para essa ampliação, como ilustra a comparação entre o original e a versão do primeiro parágrafo da parte cujo título é Primeiras Impressões (capítulo 4, página 26):

O despertar era sempre com os primeiros raios de sol, o pai saindo pros afazeres na roça<sup>4</sup>, a mãe catando cavacos de lenha para alimentar o fogão que cozinaria o que tivesse para o de comer do dia, muito certamente um feijão escoteiro, o tradicional cuscuz<sup>5</sup> e, quem sabe, alguma batata doce ou mandioca colhida no quintal da casa.

Observamos, nesse trecho, que partiu da transcrição oral do depoimento de vida de um caipira, que possui os “giros” da língua que dão força e vivacidade à descrição de como era o costume da família, ao se levantarem pela manhã, mediante o uso de termos cuja conotação é regional (roça, feijão escoteiro, cuscuz). E, para manter essa característica, se faz uso, também, de uma espécie de adaptação da gramática convencional, utilizando formas apocopadas, tais como “para o de comer do dia” (para que se pudesse ter o que comer no dia) e “pros afazeres”, entre outras.

Ao ser vertido para o espanhol, a alteração nessa mesma estrutura não significa efeito semelhante para o leitor, para o qual tem mais força o estranhamento do que o reconhecimento do sentido regional ou riqueza cultural do texto de partida. Nesse sentido, o parágrafo ao qual nos referimos acima ficou vertido para o espanhol da seguinte forma:

El despertar era siempre con los primeros rayos de sol, el padre saliendo a los quehaceres en la campiña, la madre recogiendo las ramas para alimentar el fogón en el que cocinaba lo que hubiera para el comer de ese día, muy ciertamente frijoles rojos, el tradicional cuscús y, quizá, alguna patata dulce o mandioca cosechada en la huerta de la casa.

A reflexão sobre os efeitos da tradução literal nos remete a observar vários aspectos. Do ponto de vista linguístico, percebe-se que há um uso diferente do verbo no gerúndio em português e em espanhol. Do ponto de vista do traço cultural próprio do contexto regional do texto de partida, ao evitarmos modificações no vocabulário e na estrutura da língua, a versão ao espanhol apresentada mostra uma certa perda da “alma”, como diria Charles Fontaine (*apud* HORGUELIN, 1981, p. 62), no sentido de uma citação

---

<sup>4</sup> **Roça.** Terreno plantado de mandiocas, terra para farinha. Na acepção de terreno de plantio, já consta de documentos portugueses de 1327. O mesmo que roçado. No vocabulário popular é sinônimo de propriedade, de posse, de autoria. *Isto é da minha roça.* (CASCUDO, 1972, p. 784).

<sup>5</sup> **Cuscuz.** Segundo Câmara Cascudo (1972, p. 336), “O português trouxe o cuscuz para o Brasil desde início do povoamento, utilizando o milho, que ficou basilar, e a adição de leite de coco, complementar inseparável, ignorada na geografia do cuscuz, solução primária em pleno prestígio nacional”.

de Berman (2013, p. 99), para quem entre as coisas que um tradutor deve observar ao traduzir seria: “que verta e expresse (...) a graça natural, a virtude, a energia, a ternura, a elegância, a dignidade a força e a vivacidade do autor que ele quer traduzir (...): o que se pode chamar a alma da oração”.

Como “feijão escoteiro”, “Catando cavacos”, que consta no primeiro dos parágrafos acima referidos, também remete ao uso de expressões próprias do meio social do “caipira”. Igualmente ainda, em espanhol “recogiendo ramas” também não remeteria à força de um regionalismo. Nesse sentido, optou-se pelo que Berman (2013, p. 75) denominaria *empobrecimento qualitativo*, ou seja, a substituição dos termos ou expressões que não tem riqueza igual ou icônica dos termos originais.

Ainda na página 26, no terceiro parágrafo, percebem-se palavras usadas antigamente, por volta dos anos 1960, como por exemplo “cacimbão”, que quer dizer poço grande onde se junta água e que hoje em dia só é visto em regiões muito pobres, já que até nas residências mais simples, atualmente, é possível encontrar água encanada e tanques para a lavagem da roupa. Aqui, além do fator língua de chegada, temos que nos remeter ao tempo em que foi escrito. É possível encontrar uma justificativa para essas escolhas no trecho do estudo “Tradução e Referências culturais”, de Mônica Cristina Corrêa (2009):

O ato tradutório se mostra, de fato, frequentemente, um ato de divisão do sujeito-tradutor, obrigado a fazer escolhas que veiculem elementos culturais do original de que parte, sem correlação imediata em sua própria língua-cultura; noutras instâncias, o mesmo tradutor poderá optar por fazer certa assimilação desses elementos, buscando adaptar em seu texto referências similares, caso as encontre em sua própria cultura. As implicações dessas opções serão todas ligadas aos modos de traduzir, os quais não serão exclusivamente dependentes dessa fase, mas determinados também pelos resultados pretendidos.

Neste caso, a solução de tradução adotada foi “lavadero”.

No quarto parágrafo, encontramos a expressão *debulhar*, que significa separar os grãos, tirar as impurezas do feijão, e hoje em dia isso não é mais feito, visto que o feijão já vem limpo da fábrica, o qual mostra como, aqui, a diacronia é um fator essencial em termos de problematidade tradutória. A tradução para o espanhol adotada foi “desgranar”.

Nesse mesmo parágrafo, há, ainda, a palavra “xerém”<sup>6</sup>, milho moído que é dado aos pintinhos para alimentação. Optei por manter a mesma palavra na versão para o espanhol, já que pelo contexto é possível de ser compreendida por ir acompanhada da expansão “los restos molidos”, referida ao milho que aparece citado imediatamente antes.

No último parágrafo aparece um termo sinônimo de pequeno, reduzido. “Minguado” é um regionalismo do Nordeste brasileiro, mas não é de difícil tradução, pois é possível achar sinônimos e também existe a palavra “minguado” em espanhol, que traz exatamente o mesmo significado.

Ainda nesse parágrafo, encontramos termos técnicos que se referem à área da construção civil – “caibros”, “linhas” e “ripas” – que, por terem termos equivalentes em espanhol, não necessitaram de uma nota explicativa. As soluções adotadas foram, respectivamente: “horcones”, “líneas” e “listones”. Observamos, contudo, essa alternância em textos que, ora tendem para a literatura, ora para a descrição técnica.

---

<sup>6</sup> **Xerém.** Milho pilado para cuscuz e bolo. O tipo mais grosso é a comida de pintos. (CASCUDO, 1972, p. 921).

A seguir, segue a versão feita dos capítulos da obra original cuja tradução resultou mais sugestiva. Eles, de alguma forma, trouxeram um misto de nostalgia e emoção. Com essas considerações, esperamos ter preenchido mais uma lacuna na área próxima da autotradução, e no tratamento de regionalismos e oralidade, respondendo, ou, pelo menos, pondo de relevo a importância de questionamentos como os acima apresentados.

## **PREFÁCIO**

Em junho do presente ano estive em Sobral/CE para prestigiar os 86 anos da minha maninha Angelita. Na ocasião, visitei o Mulungu dos Carlos, terra natal onde pude relembrar meu passado, infância, mocidade, e, com muita alegria e emoção, rever parentes e amigos.

Hoje, contemplando as memórias, os trabalhos produzidos pelas famílias nas lavouras, na pecuária e nas atividades manuais, relembro aqueles tempos, quando houve períodos de fartura, mas também tempos de escassez e dificuldades, situações estas que motivaram muitos filhos de Sobral a buscar novos horizontes, principalmente em Brasília, localidade que acolheu e proporcionou experiências que prepararam com lucidez a mim e aqueles tantos parentes e conterrâneos.

## **PREFACIO**

En junio del presente año estuve en Sobral/CE para celebrar los 86 años de mi manita Angelita. En esa ocasión, visité aquel Mulungu de los Carlos, tierra natal donde pude recordar mi pasado, infancia, juventud y, con mucha alegría y emoción, volver a ver a parientes y amigos.

Hoy, contemplando las memorias, los trabajos producidos por las familias en la agricultura, la ganadería y las actividades manuales, recuerdo aquellos tiempos, cuando hubo periodos de abundancia, pero también tiempos de escasez y dificultades, situaciones que motivaron a muchos hijos de Sobral a buscar nuevos horizontes, principalmente en Brasilia, localidad que acogió y proporcionó experiencias que nos prepararon con lucidez a mí y a aquellos tantos parientes y compatriotas.

Una de esas gentes de Sobral es mi sobrino, compadre y amigo Antônio Carlos de Aguiar, hombre honrado, de origen humilde y trabajador, que muy joven llegó aquí en busca de sus sueños, dejando atrás a sus padres, hermanos, amigos...

Carlos llegó a la Capital Federal de Brasil en la década de 1970. En 1978, se casó con Natalina, también de Sobral, con quien tuvo sus hijos: Kleber, Klayton y Karla, que le dio un nieto, Guillermo. Carlos es un

Um desses sobralenses é meu sobrinho, compadre e amigo Antônio Carlos de Aguiar, homem honrado, de origem humilde e trabalhadora, que ainda bem moço aqui chegou em busca de seus sonhos, deixando para trás os seus pais, irmãos, amigos...

Carlos chegou na Capital Federal na década de 1970. Em 78, casou-se com Natalina, também sobralense, com quem teve os filhos Kleber, Klayton e Karla, que lhe deu o neto Guilherme. Carlos é empresário de sucesso, respeitado por todos que o conhecem. É um patrimônio vivo que com as suas histórias extraordinárias nos encanta, um cidadão capaz de abdicar de suas diversas atividades e lazer para servir às inúmeras pessoas que o procuram.

A partir de suas experiências, Carlos idealizou o brilhante projeto de resgatar o tesouro cultural e genealógico da Família Aguiar, lançando este livro, obra prima de valor imaterial, que tenho a convicção que servirá de manual e incentivo para os atuais e novos integrantes desta Família, proporcionando conhecer e entender sua linhagem e raízes e, assim, respeitar os nossos antepassados e sua história.

Guará, Brasília/DF, agosto de 2015

Francisco Jocelin Aguiar

empresario de éxito, respetado por todos los que lo conocen. Es un patrimonio vivo que con sus extraordinarias historias nos encanta, un ciudadano capaz de abdicar de sus diversas actividades y ocio para servir a las innumerables personas que lo buscan.

A partir de sus experiencias, Carlos idealizó el brillante proyecto de rescatar el tesoro cultural y genealógico de la Familia Aguiar, lanzando este libro, obra maestra de valor inmaterial, que tengo la convicción de que servirá de manual e incentivo para los actuales y nuevos integrantes de esta Familia, a fin de que conozcan y entiendan su linaje y raíces, y así respeten a nuestros antepasados y su historia.

Guará, Brasilia/DF, agosto de 2015

Francisco Jocelin Aguiar

### **PRIMEIRAS IMPRESSÕES**

O despertar era sempre com os primeiros raios de sol, o pai saindo pros afazeres na roça, a mãe catando cavacos de lenha para alimentar o fogão que cozinharía o que tivesse para o de comer do dia, muito certamente um feijão escoteiro, o tradicional cuscuz e, quem sabe, alguma batata doce ou mandioca colhida no quintal da casa.

Os irmãos mais velhos, de acordo com a idade, acompanhavam um ou outro, os meninos e as meninas de mais idade já cultivando os primeiros calos no manejo dos roliços e duros cabos de enxada e picareta, as meninas menores lavando as vasilhas, desarmando as redes, varrendo a casa e o terreiro e ajudando a mãe como pudessem no preparo do almoço.

Até os três anos, o cenário era a própria casa, o terreiro e o quintal, ou acompanhar a mãe até o cacimbão onde ela lavaria a roupa da família aproveitando sempre para dar um banho nos menores.

A visita de um parente próximo quebrava um pouco a rotina, mas se o visitante era de mais longe normalmente vinha a cavalo e se constituía a novidade do dia. O retorno do pai e dos irmãos da roça, quando havia inverno, trazia alguma movimentação, milho e feijão a debulhar e acondicionar em garrafas de litro tampadas com cortiça e lacradas com cera para conservar e, finalmente, as palhas jogadas para o jumento. As poucas galinhas eram agraciadas com caroços de

### **PRIMERAS IMPRESIONES**

El despertar era siempre con los primeros rayos de sol, el padre saliendo a los quehaceres en la campiña, la madre recogiendo ramas para alimentar el fogón en el que cocinaba lo que hubiera para el comer de ese día, muy ciertamente frijoles rojos, el tradicional cuscús y, quizá, alguna patata dulce o mandioca cosechada en la huerta de la casa.

Los hermanos mayores, de acuerdo con la edad, acompañaban a uno de los niños o niñas de más edad, que ya cultivaban los primeros callos en el manejo de los gruesos y duros palos de azada; las niñas más pequeñas lavaban las ollas, desarmaban las redes, barrían la casa, el patio y ayudaban a su madre como podían para preparar el almuerzo.

Hasta los tres años, el escenario era la propia casa, el patio y la huerta, o acompañar a su madre hasta el lavadero donde ella lavaba la ropa de la familia, aprovechando siempre para darles un baño a los más pequeños.

La visita de un pariente cercano rompía un poco la rutina, pero, si la visita era de más lejos, normalmente venía a caballo y constituía la novedad del día. El retorno de la chacra del padre y de los hermanos, cuando era invierno, traía algún movimiento, maíz y frijoles para desgranar y guardar en botellas de litro, tapadas con tapones de corcho y selladas con cera para conservarlos y, finalmente, paja que le daban al asno. Las pocas gallinas que había eran agraciadas con choclos de maíz, los pollitos con *xerém*, los restos

milho, os pintos com xerém e complementavam sua ração caçando pequenos insetos no mato.

Uma tradição costumava ser mantida nos anos em que havia inverno (como o nordestino chama a estação de chuvas) e representava uma forma simples e amistosa de solidariedade: era a debulhada do feijão quando vizinhos e amigos se reuniam em uma casa para, ao longo de uma boa prosa, descascar o feijão verde ou seco, gentileza essa que era retribuída outro dia com os visitados passando a visitantes.

O sol de meio dia era escaldante e a mãe zelosa pela saúde dos filhos obrigava os menores a permanecerem dentro de casa e até a tirar um sono depois do minguado almoço. O acordar e o adormecer eram sempre acompanhados da contemplação do grande painel artístico da primeira infância que era o telhado, seus caibros, linhas e ripas, e os morcegos e ratos que não raramente se achavam no direito de coabitar no recinto.

No final da tarde começo da noite, vestir a blusa e calçar o quinaipe para acompanhar a família na obrigatória visita à casa do avô Raimundo Carlos onde fariam a derradeira refeição do dia, um prato de leite com farinha, ouvindo conversas para ele monótonas e enfadonhas que as crianças não ousavam interromper nem muito menos tentar participar.

No retorno, a fadiga pelo caminho percorrido e pelas danças do dia empurrava para a redinha já providenciada pela sempre atenta mãe que o abençoava e beijava e ia cuidar do resto da fila.

molidos, y completaban su ración cazando pequeños insectos en la maleza.

Una tradición solía mantenerse los años en los que había invierno (que es como el nordestino llama a la estación de lluvias) y representaba una forma simple y amistosa de solidaridad: era el desgranar frijoles cuando los vecinos y amigos se reunían en una casa para, charlando largo y tendido, descascar frijoles verdes o secos, gentileza aquella que era retribuida otro día, cuando los visitados pasaban a ser los visitantes.

El sol de medio día era abrasador y la madre, preocupada por la salud de sus hijos, obligaba a los más pequeños a quedarse dentro de casa e incluso a echarse una siesta tras el menguado almuerzo. El despertar y el quedarse dormido iban siempre acompañados por la contemplación del gran cuadro artístico de la primera infancia, que era el tejado, sus horcones, líneas y listones, y los murciélagos y ratones que no era raro que se sintieran con el derecho de cohabitar en el recinto.

Al caer la tarde y empezar a anochecer, ponerse la camisa y las sandalias de cuero para acompañar a la familia en la obligatoria visita a la casa del abuelo Raimundo Carlos, donde harían la última comida del día, un plato de leche con harina de mandioca, oyendo conversaciones para él monótonas y aburridas, que los niños no se atrevían a interrumpir, ni mucho menos a intentar participar en ellas.

Al regreso, la fatiga por el camino recorrido y por las exigencias de ese día empujaba hacia la pequeña hamaca, ya montada por la siempre atenta madre que

Feliz idade, poucas e remotas imagens e lembranças, muitas e boas fantasias, evocações de sonhos, descobertas, devaneios infantis, uma autêntica e doce mistura do real e do imaginário.

Mas o tempo não perdoa, segue implacável no cumprimento de seu papel que é o de passar sempre sem nunca olhar pra trás levando-nos para um novo dia e deixando fragmentos da memória, momentos que nunca mais retornam e que servem apenas como combustível da saudade e registro da história de cada um de nós.

lo bendecía y besaba, y se iba a cuidar los que estaban a la cola.

Feliz edad, pocas y remotas imágenes y recuerdos, muchas y buenas fantasías, evocaciones de sueños, descubrimientos, devaneos infantiles, una auténtica y dulce mezcla de lo real y lo imaginario.

Pero el tiempo no perdona, sigue implacable en el cumplimiento de su papel, que es el de pasar siempre sin nunca mirar atrás, llevándonos a un nuevo día y dejando fragmentos de la memoria, momentos que nunca más retornan y que sirven tan solo como combustible a la nostalgia y registro de la historia de cada uno de nosotros.

### UMA INFÂNCIA DIFÍCIL

“Quando você tem que vir ao mundo ninguém evita,  
quando tem que viver nada lhe tira a vida”

(Reflexão de Carlos Aguiar sobre sua própria  
existência.)

Carlinhos costuma brincar dizendo que foi um azarão e que o seu nascimento não foi esperado nem planejado. A mãe, dona Angelita, retruca na bucha que, pelo contrário, foi uma benção de Deus e que veio graças à reconciliação com o marido com quem vivia sob o mesmo teto, mas dormindo separada. Ele, segundo ela, trouxe a paz!

Paz em casa, discórdia fora dela. Em 1956, Cesário teve uma desavença séria com a família da esposa, mais especificamente com a sogra e um cunhado, por causa da derrubada de uns pés de carnaúba, coisa aparentemente sem importância, mas que descambou para uma rixa mais séria graças à intransigência e ao temperamento altivo das partes, a ponto de haver ele morrido sem reconciliar-se com os dois, malgrado repetidos esforços de familiares e amigos em promover a pacificação.

O entrevero ganhou proporções tais que Cesário tomou a decisão de largar tudo e tomar outro rumo, escolhendo a cidade Groaíras-CE, distante 28 km de Sobral e sede do município de mesmo nome que, um ano antes, se emancipara de Cariré-CE.

Em Groaíras, permaneceram cerca de dois anos, Cesário conseguiu ocupação como apontador de obras

### UNA INFANCIA DIFÍCIL

“Cuando tienes que venir al mundo, nadie lo evita;  
cuando tienes que vivir, no hay nada que te lo impida”.

(reflexión de Carlos Aguiar sobre su propia  
existencia)

Carlitos tiene la manía de decir jugando que, si él nació, fue por mala suerte, que no fue esperado ni planeado. Su madre, doña Angelita, retruca en un santiamén que, nada de eso, que él fue una bendición de Dios y vino gracias a la reconciliación con su marido, con quien vivía bajo el mismo techo, pero durmiendo separados. Y, según ella, ¡él les trajo la paz!

Paz dentro de casa y discordia afuera. En 1956, Cesário tuvo una desavenencia con la familia de su esposa, específicamente con su suegra y un cuñado, porque habían cortado unos árboles de *carnaúba*. Aparentemente algo sin importancia, pero que resultó en una pelea seria, debido a la intransigencia y al temperamento altivo de las partes, a tal punto que Cesario se murió sin haberse reconciliado con ninguno de los dos, pese a los repetidos esfuerzos de familiares y amigos para llevar a cabo una pacificación. El entrevero ganó tales proporciones que Cesário tomó la decisión de dejarlo todo y seguir otro rumbo.

Eligió la ciudad de Groaíras-CE, distante 28km de Sobral y sede del municipio del mismo nombre que, un año antes, se había emancipado de Cariré-CE.

Se quedaron viviendo en Groaíras cerca de dos años. Cesário consiguió trabajo de anotador de obras del

do DNOCS – Departamento Nacional de Obras Contra as Secas, sigla que o bom humor cearense deturpou para Deus Não Olha Cassaco Sofrer ou, de trás para frente, Sofre Cassaco Ordinário Neste Departamento.

A corruptela moleca da sigla tinha tudo a ver – o trabalho era precário, a remuneração era péssima e os atrasos uma constante, a ponto de fazer faltar em casa o sustento básico da família. Em 1959, Cesário resolveu mudar novamente, agora para a própria cidade de Sobral onde foram morar às margens do rio Acaraú numa casa que, em épocas de chuvas, era frequentemente inundada pelo rio obrigando-os a buscar abrigo no Grupo Escolar Sinhá Saboya no Bairro Dom Expedito.

Cesário elegeu como novo meio de vida a compra e o abate de criação (ovinos, caprinos e suínos), em escala proporcional às suas minguadas posses, fazendo dos filhos seus entregadores de porta em porta. Foram anos igualmente muito duros embora com a novidade de estar numa cidade já à época considerada grande.

Foram também os anos em que o garoto Carlinhos teve todas as doenças comuns às crianças da idade, sarampo, papeira (caxumba), tifo, paratifo, cobreiro e outras. Anos de brincadeiras na rua, muitos tampos de dedo arrancados, joelhos esfolados e as boas lembranças de soltar arraias (pipas) correndo no leito seco do Acaraú, dos jogos de bola e bila (bola de gude), dos piões, cavalos de pau e carrinhos de rolimã, dos fojos de pegar preás, da captura de canários em bozós, das corridas de jumento ou de cavalo no prado. Surras e castigos também faziam parte da rotina, própria de toda criança da época, mas o balanço que sobrou foi muito positivo

DNOCS –en Brasil, el Departamento Nacional de Obras Contra las Sequías–, sigla esta que el buen humor de la región deturpó como Dios No Opta por Cosaco que Sufre o, de atrás hacia delante: Sufre Cosaco Ordinario Nunca en Departamento.

La deformación chistosa de la sigla tenía mucho que ver con la realidad –el trabajo era precario, la remuneración pésima y los atrasos, una constante, hasta tal punto de que llegó a faltar en casa lo mínimo para sustentar a la familia.

En 1959, Cesário, de nuevo, decidió mudarse, esta vez a la propia ciudad de Sobral. Allí vivieron a orillas del río Acaraú, en una casa que, en épocas de lluvia, frecuentemente se inundaba y eso les obligaba a buscar refugio en la escuela Sinhá Saboya, del barrio Dom Expedito.

Cesário decidió dedicarse a comprar y matar animales para carnear (ovinos, caprinos y porcinos) como medio de vida, en escala proporcional a sus pocas posesiones. Hizo que los hijos fueran sus entregadores, yendo de puerta en puerta. Del mismo modo que antes, estos fueron años muy duros. Sin embargo, había una novedad: la de estar en una ciudad que, para aquella época, se consideraba grande.

Estos también fueron los años en los que el muchacho, Carlitos, pasó por las enfermedades comunes de los niños (sarampión, paperas, tifus, culebrilla y otras). Años de juegos en la calle, de heridas en las rodillas, de uñas arrancadas y de buenos recuerdos de volar cometas corriendo por la cuenca seca del río Acaraú; de jugar a las canicas, a los trompos, a derrapar subidos en coches

com certeza. Como expressa obrigação estabelecida cabia-lhe apenas cuidar das cabras e das ovelhas.

E foi também nessa época que Carlinhos ganhou um presente inesquecível dado pelo Pai e que lhe marcou para sempre, um robusto e lanudo carneiro que passou a lhe servir de montaria e troféu de exibição perante as outras crianças. Segundo relembra, as boas carreiras que dava em cima de sua montaria despertavam comentários frequentes sobre sua habilidade e o seu futuro como jóquei.

Aventura também era pegar carona do cunhado Vicente, marido da irmã Marlene, que passava de bicicleta indo para o trabalho na indústria de óleo de carnaúba CIDAIO e o levava na garupa para um passeio de dois quilômetros obrigando-o a uma carreira de volta de mais dois. Como valia a pena!

Outra lembrança forte desse período foi a passagem do Circo Xixarrão, quando Carlinhos, escondido dos pais, participava da trupe do palhaço em sua propaganda de rua, trepado em enormes pernas-de-pau e pintado a caráter, convidando o público para as sessões vespertinas e noturnas aos gritos de “Hoje tem espetáculo?”, “Às 8 horas da noite?” e a molecada respondia num barulhento uníssono “Tem sim senhor!”. E aí vinha o arremate com o “Arrocha negada!” respondido pelos assistentes com uma sonora vaia. A remuneração por tão vibrante e prazeroso trabalho era um passe livre para assistir às sessões feito através de uma cruz de tinta pintada no braço de cada menino, no caso de Carlinhos no ombro para ficar sob a camisa e esconder da fiscalização rigorosa do pai que

de madeira; de hacer trampas para atrapar ratones, de capturar canarios, de hacer carreras en burro y de andar a caballo en las praderas.

Las palizas y los castigos también formaban parte de la rutina típica de los niños de aquella época, pero el balance que resultó fue, seguramente, muy positivo. La única obligación establecida era la de que a él le correspondía cuidar las cabras y las ovejas.

Y fue en esa época, también, cuando a Carlitos le hicieron un regalo inolvidable, que le dio su padre, y eso lo marcó para siempre. Recibió un carnero robusto y lanudo que pasó a servirle para montar y exhibirlo como trofeo ante los demás niños. Según recuerda, las buenas carreras que daba en la montura despertaban comentarios sobre su habilidad y su futuro como jinete.

Otra aventura era la hacer dedo con su cuñado Vicente, marido de su hermana Marlene, que pasaba en bicicleta para ir a trabajar a CIDAIO, la fábrica de aceite de *carnaúba*, una palmera típica de la región, y lo llevaba en la parte de atrás a dar un paseo de dos kilómetros. Eso le obligaba a correr dos más a la vuelta, ¡pero valía mucho la pena!

Otro fuerte recuerdo de este tiempo fue cuando pasó el circo Xinxarrão. Carlitos, sin que lo supieran sus padres, formó parte de la compañía del payaso que hacía propaganda por la calle. Trepaba a altas piernas de madera y, pintado como es debido, invitaba al público a las sesiones vespertinas y nocturnas a gritos: “¿Hoy hay espectáculo?, ¿a las ocho de la noche?” “¡Sí, señor!” Y, entonces, de remate, un “¡Dale, morocho!”, respondido por los asistentes con un sonoro abucheo. La

não liberaria, por excesso de zelo, sua ida àquele mambembe Le Soleil do sertão.

Em 1967, quebrado e sem opção, Cesário é forçado a voltar para o Mulungu, numa penosa mudança patrocinada pelo primo Ataliba, que possuía um caminhão e reconduziu a família a sua roça de origem.

Carlos acabara de completar 12 anos.

remuneración por semejante placer de trabajar era una entrada gratis, hecha con una cruz pintada en el brazo de cada muchacho para que asistiera a las sesiones. En el caso de Carlitos, en el hombro, para que quedara escondida bajo la camisa debido a la supervisión rigurosa de su padre, que, por exceso de cuidado, no le dejaba ir a aquel circo viejo Le Soleil de la región.

En 1967, sin plata y sin opción, Cesário se siente obligado a volver a Mulungu. Fue una mudanza penosa financiada por su primo Ataliba, que tenía un camión y que llevó a la familia de vuelta a la chacra de origen.

Carlos había acabado de cumplir doce años.

## AS VOLTAS QUE O MUNDO DÁ

Existiu em Sobral o Clube dos Artistas que ficava na rua Menino Deus, onde eram realizadas animadas tertúlias<sup>1</sup>, bailes de formatura e festas de fim de ano, reduto<sup>2</sup> de classe média bem conceituado e frequentado.

Carlos sempre foi festeiro, um pé de valsa<sup>3</sup> de primeira hora e não perdia oportunidade de exercitar este talento quando possível. Mas nem sempre, aliás quase nunca, o bolso permitia o ingresso, não era tão caro mas nem barato ele podia pagar, tendo que contentar-se com a hora do pobre\*, assim chamado o momento em que, já decorridos mais de dois terços da festa, o portão é aberto para acesso livre numa tentativa de reforçar a venda do bar.

Resignado, Carlos ficava ali pelo sereno e quando chegava a bendita hora do pobre cuidava de não perder tempo, caía na dança aproveitando até a última nota musical e a última gota de suor.

Tempos depois, num de seus retornos de férias a Sobral, Carlos foi homenageado com um jantar pelos amigos da maçonaria e o local escolhido para o evento foi exatamente o Clube dos Artistas onde ele entrou com as honras de estilo o que o fez refletir, num misto de nostalgia e humildade, sobre o tratamento desigual que a vida dá às pessoas e como o mundo dá voltas, às vezes para premiar, às vezes para punir. Em silêncio, apenas agradeceu a Deus naquele instante, por tudo de bom que já conquistara nessa vida.

## LAS VUELTAS QUE DA EL MUNDO

En Sobral existió el Club de los Artistas, que quedaba en la calle Menino Deus, donde se daban animadas fiestas, bailes de egresados y fiestas de fin de año, lugar de clase media conocido y concurrido.

A Carlos siempre le gustaron las fiestas, siempre listo para bailar y no perdía la oportunidad de ejercitar ese talento cuando podía. No siempre porque casi nunca el bolsillo le permitía ir; no era tan caro, pero tampoco tan barato como para poder pagarlo, teniendo que conformarse con la hora de los pobres, como se llamaba el momento, después de pasados más de dos tercios de la fiesta, en el que la puerta se abría para dejar acceso libre, en un intento de aumentar las ventas de la barra.

Resignado, Carlos esperaba allí, a la intemperie, y, cuando llegaba la bendita hora de los pobres, tenía cuidado para no perder tiempo, se ponía a bailar aprovechando hasta la última nota musical y la última gota de sudor.

Más tarde, en uno de sus retornos de vacaciones a Sobral, Carlos fue honrado con una cena por los amigos de la masonería y la sede del evento fue exactamente el Club de los Artistas, donde entró con un honor que le hizo reflexionar, en una mezcla de nostalgia y humildad, sobre el trato desigual que la vida da a la gente y las vueltas que da el mundo, a veces gratificantes, otras humillantes. Silencioso, simplemente le dio gracias a Dios, en aquel instante, por todo lo bueno que ya había conseguido en esta vida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dificuldade em aceitar, como texto de partida, a transcrição que tinha sido feita inicialmente faz parte do processo de tradução e da sua aproximação do processo de autotradução. Nesse caso trata-se também de um trabalho familiar, visto que um dos editores é pai de quem escreve este trabalho e o autor, Carlos Aguiar, amigo de longa data, que me convidou para escrever a obra original. De fato, existem casos de traduções familiares conhecidas na história da tradução no Brasil: é o caso de Ana Maria Machado, escritora membro da Academia Real de Letras.

Ilustrando os motivos que levam um autor a se autotraduzir, Ana Maria Machado teve um especial: a escritora brasileira recebeu o prêmio Hans Christian Andersen, considerado o prêmio Nobel da literatura infantil mundial (NASCIMENTO, 2012, p. 44). Segundo Verônica Suhett Nascimento, a editora pediu então que Ana Maria traduzisse a obra para o inglês. A escritora recusou-se devido à falta de tempo e a não se sentir confortável em traduzir para uma língua que não a sua nativa. Coube à filha, Luisa Baeta, sob as vistas da mãe, traduzir *Do Outro Mundo* (2002) / *From Another World* (2005). Machado manteve a ideia de preservar o controle sobre a tradução e a possibilidade de acompanhar a tarefa bem de perto.

O motivo que levou Ana Maria Machado a traduzir sua obra foi o reconhecimento internacional; porém, há outros muitos, como o interesse econômico, pois ter uma obra publicada em outra língua gera maior reconhecimento e conseqüentemente maior venda de livros. Já o receio de ter uma representação distorcida da obra, censuras e a não liberdade literária no país de origem da obra, no caso de João Ubaldo Ribeiro, salta aos olhos pelo fato de o período da tradução de uma obra sua, *Sargento Getúlio* (em inglês, *Sergeant Getúlio*), coincidir com o período de maior interesse norte-americano pelos países da América Latina.

Em comum com João Ubaldo Ribeiro – que traduziu as suas obras para o inglês depois de receber uma sugestão pobre de tradução de um tradutor, que o deixou extremamente frustrado – há, no presente trabalho, o interesse pela visão do povo nordestino, já que a obra original se passa, em sua maior parte, em Sobral-CE, o que explica a riqueza do uso de regionalismos. E devemos lembrar, ainda, que foi somente com a ajuda paterna de Luis Roberto Vieira Costa, também nascido no Ceará, que pude

compreender os quase dialetos que o autor utiliza, como se fossem palavras comuns a todos os que o escutam.

Considerando que a autotradução não acontece livre de pressões ou livre de seu ambiente sócio-histórico, os casos desses escritores brasileiros revelam as relações, interesses e escolhas diante do contato da literatura brasileira com outros sistemas literários, especialmente com os sistemas literários de países de língua inglesa.

O meu motivo para, de certo modo, autotraduzir parcialmente uma obra de cuja escrita original participei foi a consciência do desafio que seria traduzir expressões tão peculiares do Nordeste, algumas inclusive de um Nordeste paupérrimo, e também transcender o tempo, já que o livro remete a diversas fases da vida do personagem. Tudo isso tinha ainda que ser feito anonimamente, como um *ghost-writer*, utilizando a voz de uma terceira pessoa, sendo o autor e personagem principal, Carlos Aguiar.

Considero uma experiência única que todo autor deveria ter, para conhecer ainda mais a fundo o seu próprio texto ou para ter um olhar mais crítico sobre as traduções dos demais referentes às suas obras. Para o tradutor, tentar se colocar no lugar e na emoção do autor é tarefa árdua, porém importantíssima para o resultado de uma tradução bem escrita. Ainda que não palavra por palavra, como bem nos ensinou Alain Badiou no início deste trabalho.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Carlos de. *Vivendo, aprendendo e morrendo sem saber... Uma história que a vida escreveu*. 1ª edição. Brasília: Editora do Autor, 2015,
- ALMEIDA, Laura de; DELVIZIO, Ivanir Azevedo. A tradução de termos culturalmente marcados em algumas obras de Jorge Amado para a língua inglesa. São Paulo: Estudos Linguísticos, 1978.
- ALVIM, Mônica Botelho. *A poética da experiência*. Rio de Janeiro: Ed. Garamond, 2014.
- ANTUNES, Maria Alice; WALSH, Bianca. A decisão de traduzir o próprio texto, motivações e consequências: um breve estudo dos casos dos escritores brasileiros Ana Maria Machado e João Ubaldo Ribeiro. In *Tradução em Revista* 16, PUC. Rio de Janeiro. 2014/1.
- AUBERT, Francis Henrik. *Desafios da Tradução Cultural - As Aventuras Tradutórias do Askeladden*, 1995.
- BATALHA, Maria Cristina; PONTES JR, Geraldo. *Tradução. Conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- BERMAN, Antoine. *Pour une critique des traductions: John Donne*. Paris, Gallimard: 1995, 275p.
- BERMAN, Antoine. *A Tradução e a Letra ou o Albergue do Longínquo*. Trad. Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan & Andréia Guerini. 2.ª ed. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013. 200 p.
- BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 2010.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 3ª. ed., Rio de Janeiro, Edições de Ouro, Editora Tecnoprint Ltda, 1972.
- CORRÊA, Mônica Cristina. Tradução e Referências Culturais. In: *Cadernos de Tradução*, v.1, n. 23, p 39-52, 2009.

FURLAN, Mauri. Retraduzir é preciso (2013) Resumo. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/30276>. Consultado em 08 junho de 2018.

GONÇALVES, Lourdes Bernades. *Avaliando a Tradução Literária*, 1999. Disponível em [http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/16618/1/1999\\_art\\_lbgon%C3%A7alves.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/16618/1/1999_art_lbgon%C3%A7alves.pdf). Consultado em 25 maio de 2018.

HOUAISS, A. *Dicionário Eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2009. 1 CD-ROM.

MESCHONNIC, Henri. *Poética do traduzir*. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Perspectiva, 2010.

RIBEIRO, Ubaldo. *Sargento Getúlio*. Rio de Janeiro: Artenova, 1971. 2.a ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. (Publicado pelo Círculo do Livro, seguido de Vencecavalos e o Outro Povo, em 1980.) 5.a ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. Ed. Objetiva, 2007.

RONÁI, Paulo. *Escola de Tradutores*. Ministério de Educação e Saúde, 1989.

SOUZA, José Pinheiro de. Teorias da Tradução: uma visão integrada, *Revista de Letras*, v. 1, n. 20, 1998. Disponível em <http://periodicos.ufc.br/revletras/article/view/2115>. Consultado em 09 de junho de 2018.

VENUTI, Lawrence. *Escândalos da tradução*. Bauru: EDUSC, 2002.

## ANEXO 1

### NOTAS DA TRADUTORA

#### 1) FEIJÃO ESCOTEIRO

Ou feijão marrom, prato típico brasileiro, e chamado escoteiro na região Nordeste.

#### 2) CACIMBÃO

Poço ou cova grande onde se armazena água. Ainda comum nas áreas mais pobres do Nordeste Brasileiro.

#### 3) FEIJÃO A DEBULHAR ou DEBULHADA DO FEIJÃO

Ato de separar o feijão das impurezas.

**Nota do tradutor:** Antigamente, no Nordeste era comum vizinhos e familiares se juntarem para debulhar o feijão, ou seja, catar o feijão e aproveitar a companhia para uma boa conversa. Essa gentileza depois era retribuída entre os vizinhos.

#### 4) MINGUADO

Pouco, reduzido, diminuído. Expressão típica do Nordeste.

#### 5) RETRUCA NA BUCHA

Expressão nordestina que quer dizer responder de imediato.

#### 6) RIXA

Desacordo, disputa, briga, discórdia.

#### 7) MALGRADO

Desagrado, desprazer.

#### 8) TERTÚLIAS

Coletivo de pessoas íntimas reunidas em prol de um mesmo objetivo, as tertúlias possuem uma conotação artística e didática, como um espaço para criação e discussão filosófica. Festivais de música e canto também constituem as tertúlias, que podem ser organizadas e realizadas nas escolas, centros comunitários. (Fonte: <http://www.significados.com.br/tertulia/>)

## **9) REDUTO**

Recinto construído no interior de uma fortaleza para aumentar a resistência desta; lugar fechado que serve de abrigo. (Fonte: <http://www.dicionarioinformal.com.br/reduto/>).

Observação: Em português, entendo que reduto é um termo mais sofisticado para lugar fechado; então, mantive a tradução livre de lugar fechado para o espanhol.

## **10) PÉ DE VALSA**

Exímio dançarino que chama a atenção nos bailes por sua desenvoltura. (Fonte: <http://www.dicionarioinformal.com.br/p%C3%A9-de-valsas/>).

## **11) HORA DO POBRE**

Momento da festa em que passado  $\frac{3}{4}$  do evento os portões se abrem para as pessoas que não compraram ingressos na tentativa de aumentar as vendas do bar e cozinha.